

Tennessee: Visita à
'casa' do tradicional
bourbon Jack Daniel's
• 13 e 14

BOA VIAGEM

On-line: Algumas
companhias aéreas já
fazem reservas via
Internet • 15

QUINTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 1997

ECOTURISMO: Três mil índios javaés e carajás pedem à Funai a abertura da reserva para a visita pública

À procura de uma tribo

A maior ilha fluvial do mundo, em Tocantins, pode se tornar um pólo turístico ainda em 97

Sérgio Tomisaki

Bernardino Furtado

Enviado especial • ILHA DO BANANAL, TO

Os líderes dos três mil índios javaés e carajás que habitam a Ilha do Bananal estão com uma idéia fixa: ganhar dinheiro mostrando aos turistas as belezas de suas matas, de seus animais e a riqueza cultural dos seus antepassados, preservada pelas novas gerações. "Queremos turistas!": esta foi a palavra de ordem durante uma reunião de líderes indígenas no último dia 28, quando foram discutidas as formas ideais de transformar o projeto em realidade. Donas de um paraíso de 1,4 milhão de hectares — a maior ilha fluvial do mundo, cercada pelas águas dos rios Araguaia, Javaé e Formoso — as duas tribos enviaram uma carta ao presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Geiger, em que comunicam os resultados do encontro. Os índios sugerem também a abertura da ilha para a pesca esportiva.

À espera do sinal verde da Funai para implementar o turismo

A idéia dos chefes dos javaés e carajás de transformar a Ilha do Bananal em pólo turístico e fonte de rendimentos para as tribos não é mero devaneio: a própria Funai apóia o Programa Piloto de Ecoturismo em Terras Indígenas, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis e financiado pela Organização dos Estados Americanos (OEA). O diretor do Departamento de Patrimônio Indígena da Funai, Antônio Pereira Neto, diz que órgão vê no ecoturismo uma alternativa econômica viável e produtiva. Ele também defende a preservação do patrimônio natural dos territórios que eles ocupam:

— Os índios e a própria Funai estão se conscientizando de que não faz sentido simplesmente isolar as comunidades indígenas em seus territórios e condená-las a guetos pelo resto da vida. Os índios brasileiros precisam de meios para sobreviver com dignidade e até para preservar a sua cultura e o seu meio ambiente. Seria interessante que conseguissem seu próprio sustento através de uma iniciativa como esta. A abertura das terras indígenas ao ecoturismo é um projeto que será implantado gradualmente. *Continua nas páginas 10 e 11*



OS ÍNDIOS DA ALDEIA da tribo dos javaés, na Ilha do Bananal, realizam uma cerimônia secular: tradição cultural prestes a se transformar em atração para atrair turistas

09.06.97 (Boa Viagem)
19/6/97 cont.
62 (cont.)

ECOTURISMO: Excursões vão permitir que os turistas se familiarizem com os hábitos nativos e que façam longas caminhadas

Sérgio Tomisaki



UMA CANOA FEITA com tronco de árvore que as tribos usam comumente para a pesca ou a locomoção: uma das muitas tradições da cultura indígena que, em breve, poderão ser conhecidas pelos visitantes que chegarem à Ilha do Bananal

A PROCURA DE UMA TRIBO • Continuação da página 1

Trilhas na mata para desvendar a fauna e a flora

Sem as comodidades urbanas, os passeios à ilha prevêm que os grupos acompanhem de perto o dia-a-dia de uma aldeia

A base para o projeto turístico na ilha do Bananal é a experiência da organização não-governamental (ONG) Ecobrasil, uma associação sediada no Rio de Janeiro e que congrega empresas de ecoturismo. Foi a entidade que levou dois grupos de turistas americanos para a área Aúkre, dos índios caiapós, situada no município de São Félix do Xingu, Sudoeste do Pará, em 1993 e 1994. O presidente da Ecobrasil, Roberto Mourão, diz que o contrato com o Ibama, no valor de R\$ 90 mil, prevê, em linhas gerais, a construção de um modelo de pacote turístico para áreas indígenas de todo o país, com regras e roteiros semelhantes aos utilizados nas excursões à área Aúkre.

— Não estamos falando de hotéis luxuosos no meio da mata nem de outras comodidades do turismo urbano. O ecoturismo em área indígena é uma aventura em que o visitante observará *in loco* a cultura dos índios e se familiarizará com o dia-a-dia de

uma tribo. Não se trata de ficar nas aldeias e sim fazer longas caminhadas na mata, comer a comida preparada pelos índios, acampar e dormir como um nativo. O turista pode apenas filmar, fotografar e comprar artesanato dos índios. Achemos que, talvez nos primeiros anos, os visitantes estrangeiros se interessem mais pelos pacotes que os brasileiros, porque o custo é alto e no Brasil há pouca sensibilidade programática com regras tão rígidas e pouco conforto — diz Mourão.

Primeiras excursões vão funcionar como laboratório

Este ano, o programa de ecoturismo em terras indígenas ainda terá o ritmo de uma experiência de laboratório. A Ecobrasil está planejando duas excursões. Uma delas à área Aúkre e a segunda à região entre a área Baniwa, no Alto Rio Negro, Noroeste do Amazonas, e a Caiapó-Mekragnoti, no Sudoeste do Pará. Para o grupo de oito pessoas, o preço é R\$ 31

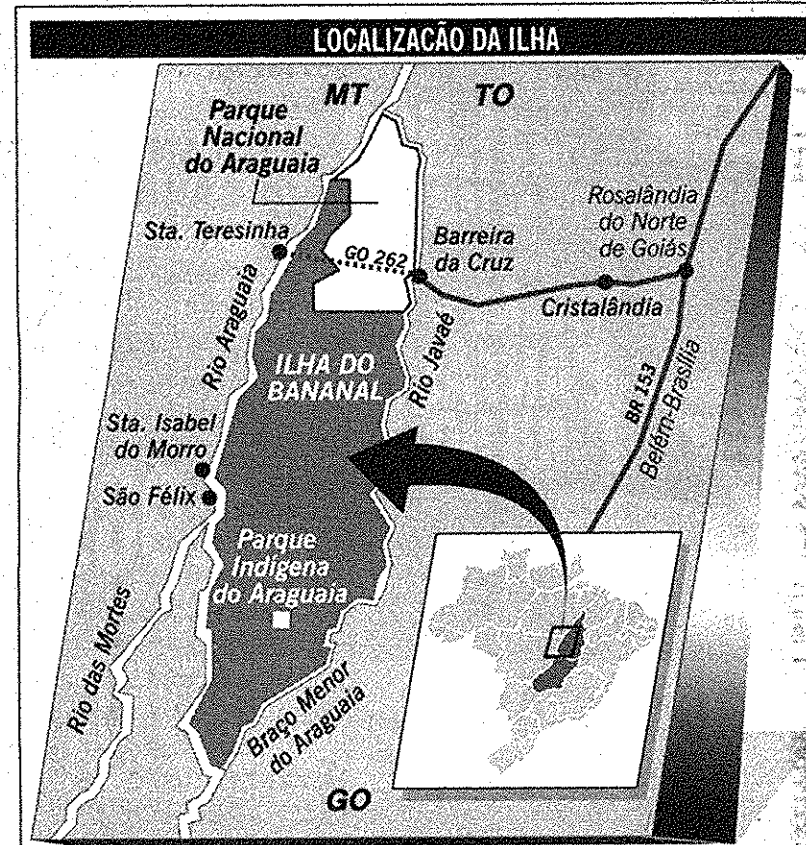
mil, ou seja, aproximadamente R\$ 3.900 por turista partindo de Brasília. Isso significa que se a origem do turista é o Rio de Janeiro, por exemplo, a passagem Rio-Brasília não está incluída no preço do pacote.

A aventura em terra indígena tem um roteiro de 15 dias dividido em trilhas. Uma caminhada dentro da mata para conhecer uma farmácia indígena, o que dá direito a conhecer os locais, as ervas e árvores que fornecem os remédios usados pelos índios desde tempos imemoriais é uma das etapas. Há também uma trilha de fauna e flora em geral, em que o turista se deleita simplesmente em conhecer a floresta tropical. Mourão adverte que é proibido caçar, pescar e colher plantas ou mudas de qualquer espécie. Nas excursões realizada na Aúkre, em apenas uma das trilhas a caminhada durou quatro dias consecutivos, com intervalos para as refeições. A única etapa levemente semelhante a uma via-

gem de turismo convencional foi a estada num hotel de Redenção, no Pará, local de partida do avião monomotor do cacique caiapó Paulinho Paiakan.

Cada visita às aldeias pode render aos indígenas R\$ 8 mil

Mourão diz que cada grupo de oito turistas renderá um mínimo de R\$ 8 mil para a comunidade indígena, o que não inclui a venda de artesanato nem o transporte, para o caso de aldeias que possuem avião próprio. Segundo Mourão, há também a possibilidade de a própria comunidade indígena, atuando como se fosse uma agência de turismo, formar diretamente o grupo, o que valerá uma comissão de 20% sobre o valor total do pacote. O presidente da Ecobrasil argumenta ainda que, tendo em vista a intensa relação de algumas comunidades indígenas com certas organizações não-governamentais, essa intermediação se torna bastante provável. ■



Editoria de Arte

O Globo (Boa Viagem)
19/6/97 cont.
62 (cont.)

ECOTURISMO: Depois de seis meses de chuvas, há outros seis de estiagem, quando a natureza ressurge com força total

Posseiros e donos de gado estão de malas prontas

Antes da chegada dos visitantes, a região precisa investir em infra-estrutura, com a pavimentação das estradas de acesso

A Ilha do Bananal é um dos locais que estão na lista do Programa de Ecoturismo em Terras Indígenas. Ocupada na década de 40 por posseiros e grandes criadores de gado, ela está sendo palco de um processo de desocupação determinado pela Justiça federal. De acordo com a sentença judicial, todos os invasores deverão ser retirados da ilha até o final deste ano, o que pode resultar na melhora de qualidade de vida para os nativos.

Durante a estiagem, a natureza mostra todos os seus encantos

Apesar da presença do homem branco durante tantas décadas, a área ainda conserva grandes extensões de matas. Toda a vegetação da Ilha do Bananal fica submersa durante a metade do ano, por causa das chuvas e do período de cheias dos rios. Durante a estiagem, porém, que vai de maio a setembro, a natureza explode com todos os seus encantos. Surge, então, uma profusão de pássaros, cervos, macacos e onças, entre outros animais. Nos rios, os peixes são uma atração à parte após as cheias e fazem a festa dos pescadores. Por enquanto, a Ilha do Bananal não está aberta à visitação. Não há sequer infra-estrutura adequada para receber um grande fluxo de turistas. Na ilha, apenas os carros do Ibama e da Funai podem transitar. ■



NO PERÍODO DE ESTIAGEM na Ilha do Bananal, que se estende de maio até setembro, os animais próprios do clima quente, como o jacaré, reaparecem

Sérgio Tomisaki

SERVIÇO Bananal

COMO CHEGAR

• Por enquanto, a Ilha do Bananal é uma terra proibida. Por isso mesmo não há condições para atender ao movimento turístico. Na ilha apenas os carros do Ibama e da Funai podem trafegar livremente. Mas o acesso pelo estado de Tocantins, contudo, está ficando cada vez mais fácil. Duas estradas, uma partindo de Formoso do Araguaia, a cerca de 300 quilômetros da capital Palmas, e outro de Cristalândia, a 120 quilômetros, estão sendo pavimentadas. Na estrada de Cristalândia, que fica há apenas 40 quilômetros da Rodovia Belém-Brasília (entrada pelo município de Rosalândia), é possível dar uma esticada até Barreira da Cruz, povoado à beira do rio Javaé, defronte à Ilha do Bananal.

OPÇÕES TURÍSTICAS

• No meio do caminho, no município de Lagoa da Confusão, a lagoa de águas cristalinas e as grutas com inscrições rupestres valem uma visita.

ONDE FICAR

• Há um hotel, o Clube Ilha da Lagoa, com apartamentos sem geladeira nem ar-condicionado. O local dispõe de uma piscina. Diária: R\$ 70.